

Os números do desaquecimento em 81

por Cíntia Sasse
de Brasília

O governo pretende que a indústria cresça apenas 5,5% neste ano: uma queda estimada de 2,3 pontos percentuais em relação à taxa de 1980. O setor de serviços deverá crescer 6%, o que significará redução de 1,7 ponto percentual em relação à performance do exercício passado. A agricultura deverá repetir o desempenho de 1980, registrando crescimento de 8%. Estes são os últimos indicadores do comportamento setorial da economia, projetados pelo Instituto de Pesquisas Econômicas e Sociais (Ipea), órgão "staff" da Secretaria do Planejamento, para este ano, que estarão sendo avaliados nesta semana pelo ministro Delfim Netto e sua equipe.

No global, estas taxas traduzem aumento do Produto Interno Bruto (PIB), na casa dos 6%, com uma retração de dois pontos e meio percentuais em relação à estimativa da Fundação Getúlio Vargas (FGV) para o PIB do ano passado e um decréscimo de 1,8 ponto percentual em relação à previsão do Ipea. O PIB estimado pela FGV para 1980 é de 8,5%, enquanto o Ipea prevê 7,8%. A par desta defasagem, em que se discute a diferença na metodologia adotada pelos dois órgãos — a FGV desagrega as informações do setor terciário, estimando crescimento para transportes e comunicações de 13,5%, puxando o índice global —, o que o governo pretende é evitar que o crescimento da economia supere as expectativas delineadas no início deste ano, a exemplo do que ocorreu em 1980.

PREVISÕES

"Esperava-se um crescimento do PIB mais moderado, entre 6 e 6,5%", afirma Carlos Von Doellinger, coordenador geral de planejamento do IPEA. A agricultura teria desempenho melhor entre 9 e 10%, porém conseguiu-se 8%. A indústria deveria ficar entre 5 e 6%, no entanto cresceu 7,8%. Para tentar concretizar as previsões deste ano, o governo pretende conseguir desaceleração das atividades do setor industrial, prin-

Evolução do Produto Real (Variações acumuladas em 12 meses)			
Setores	Estimativa		
	1979	1980	1981
Agropecuária	3,2%	8,0%	8,0%
Indústria	6,9%	7,8%	5,5%
Serviços	6,3%	7,7%	6,0%
Total	6,4%	7,8%	6,0%

Evolução do Produto Industrial (Variações acumuladas em 12 meses)			
Setores	Estimativa		
	1979	1980	
1) Construção civil	4,5%	7,5%	
2) Transformação:	7,0%	7,5%	
a) Bens de capital	5,6%	6,3%	
b) Bens intermediários	9,2%	7,2%	
c) Bens de consumo:	5,2%	6,0%	
I) Duráveis	7,5%	10,5%	
II) Não duráveis	4,7%	4,6%	
3) Extrativo mineral	8,0%	15,0%	
4) Ser. ind. util. pública	12,0	11,5%	
Total da indústria	6,4%	7,8%	

cipalmente como resultado de medidas já anunciadas de maior controle monetário, com estreitamento do crédito à indústria e a adoção de instrumentos que efetivem corte físico nas importações, segundo Doellinger. Do lado da demanda, a correção monetária mais próxima dos índices da inflação exercerá forte influência na reorientação da poupança para aplicação nas cadernetas, diminuindo significativamente a procura por bens de consumo.

A previsão do orçamento monetário de repasse de Cr\$ 100 bilhões da Caixa Econômica Federal ao Banco Central para aplicação nas exportações — valor idêntico ao previsto para a captação em cadernetas de poupança, neste ano — "é indicador da tentativa de se reorientar a poupança", diz ele. Doellinger acredita que a política de liberação de preços, notadamente a dos automóveis, vai contribuir em menor grau, nesse processo de contenção da demanda.

O efeito mais importante de todas estas medidas é promover um desaquecimento da economia a partir de um crescimento menor

do setor de bens de consumo, que induzirá "menores crescimentos dos setores de bens intermediários e de bens de capital", afirma Doellinger. Além disso, acrescenta, a contenção de gastos do governo, ainda mais rigorosa do que no ano passado, de acordo com o novo orçamento de dispêndios do setor público, aprovado na última quarta-feira, atuará como outro fator de pressão para a queda na demanda do setor produtivo, essencialmente de bens de capital.

INFLAÇÃO E BALANÇO

Com todo este quadro quer o governo intensificar o combate aos dois grandes males da economia: balanço de pagamentos e inflação, corrigindo de modo mais severo algumas variáveis que escapuliram às

previsões de crescimento moderado da economia em 1980. Estes desvios prejudicaram o desempenho da balança comercial. "O déficit do ano passado, que deve ficar algo em torno de US\$ 3 bilhões, foi causado pelo crescimento das importações. Não pelo crescimento físico que foi cerca de 4%, mas pelo aumento de preços, na ordem de 38% a 39%, em relação a 1979", diz ele.

POLÍTICA SALARIAL

A mudança na política salarial, com reajustes semestrais, adotada no final de 1979, recomponhou parte do poder de compra dos assalariados, "contribuindo para a expansão do setor de bens de consumo, principalmente os duráveis, onde o setor automobilístico tem um peso importante". O crescimento do setor de bens de consumo passou de

5,2% para 6%, em 1980. Dentro desta estimativa do Ipea, com base em dados do IBGE, a maior taxa de expansão coube aos duráveis, que cresceram de 7,5%, em 1979, para 10,5%, em 1980. O comportamento dos não duráveis, onde se incluem gêneros alimentícios essenciais, apresentou ligeira queda, passando de 4,7% para 4,6%, no ano passado.

Esta maior procura por bens de consumo puxou os indicadores da indústria de bens de capital, que, mesmo com ociosidade em alguns dos seus segmentos, registrou crescimento superior ao de 1979, passando de 5,6% para 6,3%, em 1980, ainda segundo estimativas do Ipea. Isto compensou, de certa forma, o decréscimo nas encomendas do setor público, refletido no menor crescimento do setor de ser-

viços industriais de utilização pública, que caiu de 12% para 11,5%, em 1980.

BENS INTERMEDIÁRIOS

O setor de bens intermediários registrou queda de 9,2%, em 1979, para 7,2%, em 1980, basicamente devido à retração das atividades da indústria química, explica Doellinger. Este comportamento dos bens intermediários converte, em certa proporção, o impacto do setor de bens de consumo sobre o índice de crescimento da indústria de transformação, que aumentou de 7,0%, em 1979, para 7,5%, em 1980. Além disso, o setor de construção civil em muito contribuiu para elevar o PIB industrial. Cresceu de 4,5% para 7,5, em 1980. O mesmo ocorreu com o setor extrativo mineral, que se expandiu de 8,0% para 15%, em 1980.